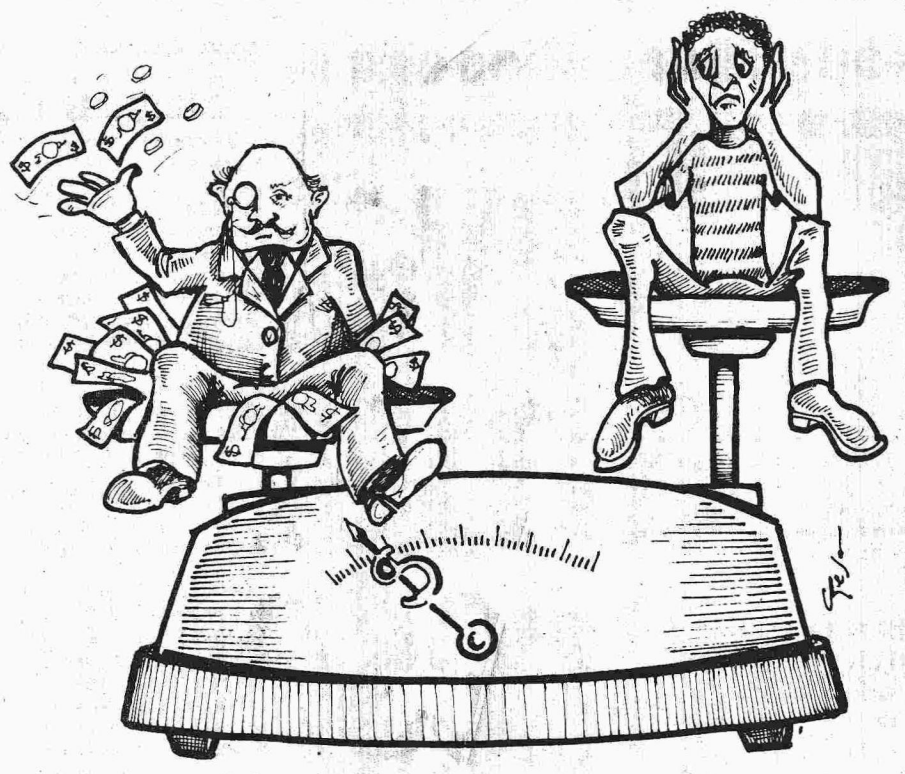
More na cidade e no campo. Compre seu modulo no Alphaville. ALPHAVILLE Fone: 225.4266

DF reparte melhor sua pobreza

Renda média se distancia entre Plano-Guará e as satélites

THAIS BASTOS
Da Editoria de Cidade



Como já foi dito, a renda familiar média do Distrito Federal gira em torno de 9,76 salários mínimos, o equivalente hoje, a Cr$ 3.251 mil. O problema é que este número é uma média e como tal só seria uma fiel medida do padrão de vida desfrutado pelas famílias residentes no DF caso a renda estivesse igualmente repartida. Isto não ocorre, pois como já foi visto, 70 por cento das famílias do DF recebem menos que 10 salários mínimos por mês.

No levantamento Sócio-Econômico do DF (Lecon), realizado pela Codeplan e professores da UnB, foi utilizada uma amostragem de famílias, assim distribuídas: Plano Piloto, 765 famílias; Ceilândia, 559 famílias; Taguatinga, 423 famílias; Gama 330 famílias; Guará, 285 famílias; Sobradinho, 186 famílias; Planaltina, 93 famílias; Núcleo Bandeirante, 63 famílias; e Brazlândia, 70 famílias, totalizando 2.774 famílias pesquisadas, entre julho de 1980 e junho de 1981.

Primeiro apresentar-se a renda média das famílias pelo local de residência das mesmas. De sua análise temos que enquanto a diferença entre a renda familiar mensal média do Plano Piloto e cidades-satélites como Guará, Taguatinga e até mesmo Núcleo Bandeirante é pequena, quando comparada à renda familiar mensal média de Sobradinho, Gama e Planaltina, a renda do Plano Piloto significa quase o triplo. No caso das cidades de Ceilândia e Brazlândia, a diferença então é brutal, registrando menos que um terço da renda auferida no Plano Piloto.

Outro ponto a considerar, conforme salienta a economista Maria Luíza Falcão, co-autora da pesquisa, se refere ao fato que as famílias residentes no Plano Piloto têm rendimentos mensais bastante acima da média detectada para o DF. "Por outro lado — diz a economista — nas cidades-satélites de Brazlândia, Ceilândia, Planaltina, Gama e Sobradinho, a renda média familiar mensal situa-se bem abaixo da média registrada para o DF, configurando a extrema concentração de renda no Plano Piloto".

Maria Luiza Falcão vai mais além ao dizer que "a desigualdade da renda familiar no DF aumentou substancialmente", quando comparados os resultados do levantamento realizado em 1980 com os resultados de amostra semelhante levantada em 1968. "O coeficiente de Gini, que atesta a distribuição de renda, era de 0,424 em 1968 e em 1980 atingiu 0,54", revela a economista. (Para os não entendedores do economês, basta dizer que um coeficiente de Gini de 0,5 revela uma extrema concentração de renda, ou ainda, que numa situação imaginária, onde a renda total de uma região fosse igualmente distribuída, esse coeficiente seria igual a zero e não haveriam divisões sociais por classes de renda).

Outra conclusão a que se pode chegar da análise da tabela I, diz respeito à articulação de dependência econômica entre as cidades-satélites e o Plano Piloto. Com exceção de Taguatinga e Guará, a alocação espacial das famílias é muito mais conseqüência da renda auferida pelas famílias do que o resultado da sua integração nas atividades econômicas locais.

GRUPOS DE RENDA

Maria Luiza Falcão faz uma classificação das cidades-satélites e Plano Piloto em três grupos, dando uma idéia da acentuada dispersão da renda entre as cidades: no primeiro grupo são alocadas as cidades de Brazlândia, Ceilândia, Planaltina, Gama e Sobradinho, onde predominam as famílias de rendas mais baixas, entre um e 10 salários mínimos, ou entre Cr$ 333.120 e Cr$ 3.331 mil. No segundo grupo estão Núcleo Bandeirante, Taguatinga e Guará, consideradas cidades de renda média, que apresentam um numero significante de famílias com rendimentos entre Cr$ 3.331 mil e Cr$ 8.328 mil, ou entre 10 e 25 salários mínimos. E o terceiro grupo define o Plano Piloto çomo cidade de renda elelevada e grande diferenciação, onde mais da metade das famílias concentram-se na classe de renda mais elelevada, com rendimentos superiores a 25 salários mínimos.

PLANO X BRAZLÂNDIA

De acordo com os dados fornecidos pelo Lecon, ao tomarmos como exemplo o Plano Piloto e a cidade-satélite de Brazlândia, dois extremos da renda média familiar mensal, temos que enquanto 52,6 por cento das famílias do Plano ganham mais que 25 salários mínimos — Cr$ 8.328 mil — mensais, nenhuma família de Brazlândia possui esta renda.

As classes de renda baixa, com rendimentos mensais entre Cr$ 333.120 e Cr$ 999.360, em Brazlândia correspondem a 33 por cento das famílias, enquanto no Plano Piloto esta classe corresponde a apenas 0,3 por cento das famílias. As classes de renda média, com rendimentos entre Cr$ 999.360 e Cr$ 3.331 mil, representam, em Brazlândia, quase 52 por cento das famílias da cidade, e no Plano Piloto somente 9 por cento do total de famílias. Finalmente, 15 por cento da população de Brazlândia tem uma renda correspondente à classe média alta, com rendimentos mensais entre Cr$ 3.331 mil e Cr$ 8.328 mil, quando no Plano Piloto este número alcança 38 por cento das famílias.

PLANO X NÚCLEO BANDEIRANTE

As diferenças são menos acentuadas quando se compara o comportamento do Plano Piloto em relação ao Núcleo Bandeirante, cidade-satélite que registrou 7 salários mínimos — Cr$ 2.331 mil — como renda média familiar mensal. Neste caso, enquanto em Brazlândia 33 por cento das famílias ganham entre Cr$ 333.120 e Cr$ 999.360 em média, por mês, no Núcleo Bandeirante apenas 7 por cento das famílias se situa nesta classe de renda.

Nas classes consideradas de renda média, com rendimentos mensais oscilando entre Cr$ 999.360 e Cr$ 3.331 mil, a diferença é pequena entre Brazlândia e Núcleo Bandeirante, mas ainda assim este último registra números bem distantes daqueles observados para o Plano Piloto. Enquanto em Brazlândia existem cerca de 52 por cento de famílias alocadas nesta classe de renda, no Núcleo Bandeirante este número cai para 48,2 por cento, portanto muito longe do registrado para o Plano Piloto, onde aproximadamente 9 por cento das famílias podem ser consideradas como de renda média.

O percentual de famílias que ganham, como média de renda mensal, mais de Cr$ 8.328 mil, alocadas na classe de renda superior, corresponde, em Brazlândia, a zero por cento, enquanto no Plano Piloto atinge 52,6 por cento. No Núcleo Bandeirante este percentual registrou a marca de aproximadamente 7 por cento.

GUARÁ

O Guará, única satélite a registrar uma renda média familiar mensal acima da média observada para o DF como um todo comporta-se da seguinte maneira: somente 1,25 por cento das famílias se situam nas classes de renda baixa, com rendimentos entre Cr$ 333.120 e Cr$ 999.360. Cerca de 35,5 por cento das famílias residentes no Guará percebem como renda familiar mensal média, de Cr$ 999.360 a Cr$ 3.331 mil, alocando-se nas classes de renda média. Ganhando entre Cr$ 3.331 mil e Cr$ 8.328 mil como renda média mensal, há no Guará cerca de 49 por cento das famílias. E, por último, 14 por çento das famílias do Guará estão classificadas na classe de renda superior, percebendo mais de Cr$ 8.328 mil como renda média familiar mensal.

GRAU DE POBREZA

Para melhor qualificar a distribuição de renda das localidades que compõem o DF, a economista Maria Luíza Falcão definiu o grau de pobreza das famílias, através de um cálculo do número de famílias cuja renda está abaixo de três salários mínimos — Cr$ 999.360 —, renda considerada como "o limite para uma vida damiliar decente". Como resultados desses cálculos, Maria Lúzia Falcão chama a atenção para o fato de que na maioria das cidades-satélites a proporção de famílias que recebem até três salários mínimos mensais varia entre 30 e 50 por cento. "Por outro lado, diz a economista, a pobreza que ocorre no Plano Piloto e no Guará é muito pequena", ou seja, as famílias que recebem abaixo de Cr$ 999.360 por mês não constituem mais de 3 e 6 por cento, respectivamente.

"Evidencia-se, portanto — conclui Maria Luíza Falcão —, uma enorme distância entre a qualidade de vida das famílias que residem no Plano Piloto e Guará, e as famílias residentes nas demais cidades-satélites do DF". Pior que isto, só mesmo uma das conclusões dos economistas Joaquim de Andrade e Maria Luíza Falção, apresentada no final do trabalho de pesquisa: "... a pobreza, no Distrito Federal, é mais igualmente distribuída que o resto", afirmam eles.